

Tecnologias educativas na prevenção e cuidados de IST em populações de mulheres trans e travestis: uma revisão integrativa

Educational technologies in the prevention and care of STIS in populations of trans and transversite women: an integrative review

Tecnologías educativas en la prevención y atención de las ITS en poblaciones de mujeres trans y transversitas: una revisión integrativa

Camila Freire Albuquerque¹, Jennifer Martins Correia¹, Lucília de Fátima Santana Jardim¹, Alessandra Pinheiro Vidal¹, Sibebe Naiara Ferreira Germano¹, Sheila Vitor da Silva².

RESUMO

Objetivo: Identificar na literatura tecnologias e estratégias com foco no acolhimento, prevenção e tratamento do *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) voltados a população de mulheres Trans e Travestis (TT), descrevendo e comparando-as a fim de discorrer sobre seus impactos e promover medidas assistenciais eficazes baseadas em evidências. **Métodos:** Utilizou-se bases de dados eletrônicas (LILACS, SciELO, MEDLINE/PubMed), nos idiomas inglês, português e espanhol, ficha de dados da Literatura adaptada da Ficha de Ursi para atender a modicidade das análises. **Resultados:** O artigo obteve uma amostra final de 10 artigos, observou-se a tendência a ações de educação voltadas a mudanças em comportamentos de risco, encaminhamento para testes e vinculação ao tratamento de HIV e outras ISTs, melhoria no acesso a serviços sociais e de saúde, mudanças no conhecimento sobre HIV e Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), suporte social e emocional. **Considerações finais:** As obras demonstram um perfil de intervenção baseado em grupos de apoio; empoderamento e participação da comunidade nas práticas de saúde, apropriação e desenvolvimento de aplicativos, tendo como base a telessaúde como foco nas necessidades intrínsecas desse público. Observa-se a necessidade de suporte psicológico associado a práticas de prevenção e maior capacitação das equipes de saúde durante o acolhimento e tratamento desta comunidade.

Palavras-chave: Tecnologia educacional, Doenças sexualmente transmissíveis, Travestilidade, Mulher transexual, Educação em saúde.

ABSTRACT

Objective: To identify in the literature technologies and strategies focused on the reception, prevention and treatment of Human Immunodeficiency Virus (HIV) and other Sexually Transmitted Infections (STIs) aimed at the population of Transvestite Women (TT), describing and comparing them as a purpose to discuss their impacts and promote effective evidence-based care measures. **Methods:** We used electronic databases (LILACS, SciELO, MEDLINE/PubMed), in English, Portuguese and Spanish languages, bibliographic form adapted from Ursi's form to respond to the modicity of the analyses. **Results:** The paper obtained a final sample of 10 articles, the trend was observed for educational actions aimed at changes in risk behaviors, referral for testing and linkage to treatment for HIV and other STIs, improved access to social and health services, changes in knowledge about HIV and Pre-Exposure Prophylaxis(PrEP), social and emotional support. **Final considerations:** The works show an intervention profile based on support groups; empowerment and community participation in health practices, appropriation and development of applications, based on telehealth as a focus on the intrinsic needs of the public. The need for psychological support associated with prevention practices and greater training of health teams during the reception and treatment of this community is observed.

Keywords: Educational technology, Sexually transmitted diseases, Transvestitism, Transgender woman, Health education.

RESUMEN

Objetivo: Identificar en la literatura las tecnologías y estrategias centradas en el tratamiento, la prevención y el control del Virus de la Inmunodeficiencia Humana (VIH) y de otras Infecciones de Transmisión Sexual (IST) en la población de Mujeres Transexuales (TT), describiendo las y comparando las con el fin de debatir sobre su impacto y promover medidas de asistencia eficaces basadas en la evidencia. **Métodos:** Se utilizaron bases de datos electrónicas (LILACS, SciELO, MEDLINE/PubMed), en los idiomas inglés, portugués y español, ficha de datos de la Literatura adaptada de la Ficha de Ursi para atender la modalidad de los análisis. **Resultados:** El artículo obtuvo una muestra final de 10 artículos, se observó la tendencia a las acciones de educación dirigidas a los cambios en las conductas de riesgo, la derivación para las pruebas y la vinculación al tratamiento del VIH y otras ITS, la mejora del acceso a los servicios sociales y de salud, los cambios en el conocimiento sobre el VIH y la Profilaxis

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus - AM.

² Instituto de Pesquisa Clínica Carlos Borborema (IPCCB), da Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), Manaus - AM.

Preexposición (PrEP), el apoyo social y emocional. **Consideraciones finales:** Los trabajos demuestran un perfil de intervención basado en los grupos de apoyo; el empoderamiento y la participación de la comunidad en las prácticas de salud, la apropiación y el desarrollo de aplicaciones, basadas en la telesalud como enfoque de las necesidades intrínsecas de este público. Se observa la necesidad de un apoyo psicológico asociado a las prácticas de prevención y una mayor formación de los equipos sanitarios durante la acogida y el tratamiento de este colectivo.

Palabras clave: Tecnología educativa, Enfermedades sexualmente transmisibles, Travestismo, Mujer transgénero, Educación para la salud.

INTRODUÇÃO

Devido aos movimentos em favor da igualdade e defesa dos direitos humanos e sociais, tais como movimentos Feministas e LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais, +), o debate e exposição da realidade marginalizada e discriminada desta parcela da população nunca foram tão evidenciados. Mais especificamente para o seguimento de mulheres Trans e Travestis (TT), é recente a ideia da “não patologização” e da salientação aos cuidados e necessidades desses indivíduos em sociedade, decorrentes de um contexto histórico e social estigmatizado (GRADE C, et al., 2019).

Este enquadramento social, econômico e psicológico desfavorável, que frequentemente leva a população TT ao envolvimento com o sexo comercial, devido ao seu limitado e difícil acesso ao trabalho formal, tem relação direta com a desproporcional prevalência de HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre mulheres transgênero em comparação com a população geral, sendo o risco de infecção por HIV 12 vezes maior para pessoas transexuais segundo dados divulgados pelo programa de HIV/AIDS das Nações Unidas (UNAIDS) em 2018 (KAFFER KK, et al., 2016).

Tal contexto de visível vulnerabilidade é explicado por fatores individuais e principalmente a fatores estruturais, que atuam limitando a aproximação desta população a recursos educacionais e ao acesso a serviços de prevenção e saúde devido à historicamente, esta parcela da população sofrer pelo impacto da exclusão social, medo de violência, exposição pública, criminalização e a falta de prestação de serviços, que por consequência leva a descontinuidade e abandono do tratamento relacionado ao HIV assim como outras infecções sexualmente transmissíveis ou até mesmo ao não tratamento ou prevenção das mesmas (MAGNO L, et al., 2019; ROCON PC, et al., 2020; BEZERRA MV, et al., 2020; FARIA IMD, 2019).

Em virtude disso, suscitou-se o desejo por ampliar os seguimentos de acesso à informação e cuidado dos serviços de HIV/aids e outras IST, entre grupos e populações de risco afim de investir em ações de saúde específicas, inerentes e assertivas a estas minorias sexuais, que visam mediar práticas educativas de cuidado, promoção à saúde e prevenção, tendo em vista a equidade dentro do contexto da saúde pública e ampliação dos conhecimentos sobre os aspectos de saúde e vivência dessa população, seus direitos, seu ambiente de trabalho e suas interações, necessidades e demandas (ROGES AL, et al., 2015).

Entretanto, para subsidiar a criação de tecnologias em saúde desse aspecto, é necessário lançar mão de recursos que proporcionem uma fundamentação teórica concisa capaz de assegurar uma prática assistencial embasada em evidências científicas (FERENHOF HA e FERNANDES RF, 2016). Nesse contexto, a revisão integrativa surge como um valioso instrumento metodológico, proporcionando síntese de conhecimento e incorporação aplicável de resultados presentes em literaturas para a prática assistencial (MONTEIRO S, et al., 2019; ROCON PC, et al., 2016; SAMPAIO RF e MANCINI MC, 2007).

É diante dessas perspectivas, que a presente pesquisa busca realizar um levantamento bibliográfico, verificando o que a literatura descreve sobre prevenção do HIV/aids e IST em Travestis e Mulheres Trans (TT), com a finalidade fomentar orientações sobre essa temática, facilitando o diálogo entre os pares, melhorando compreensão e apropriação dessas informações/orientações.

MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, focado em garantir uma prática assistencial baseada em evidências, tendo início a partir da elaboração da questão norteadora que delineou a investigação, sendo esta: O que as produções científicas nacionais e internacionais revelam sobre o perfil das tecnologias educacionais desenvolvidas para pessoas travestis e mulheres trans e seus impactos sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis?

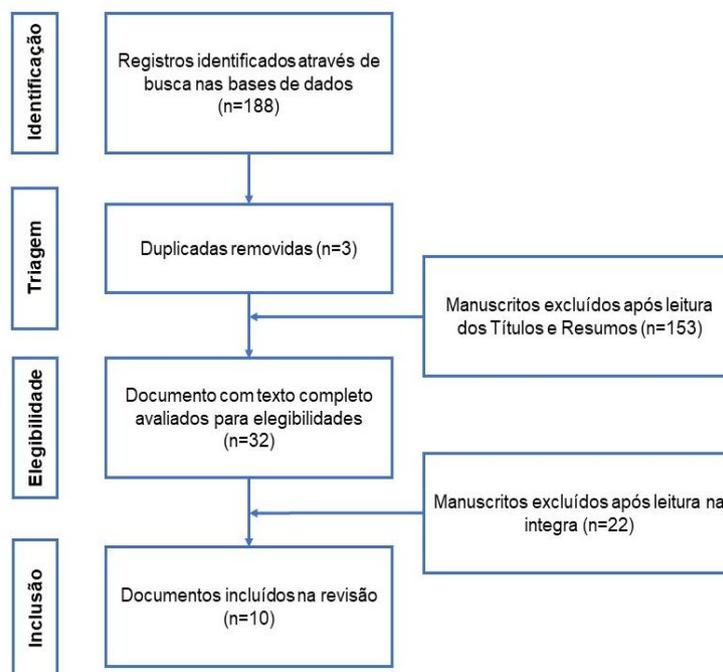
A busca na literatura para seleção da amostra de publicações se deu pelo levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (LILACS), USA National Library of Medicine (MEDLINE/PubMed) e biblioteca eletrônica da Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Quanto ao estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão definiram-se como incluídos: os artigos completos disponíveis eletronicamente nas plataformas estabelecidos, nos idiomas português, inglês e espanhol e que abordem sobre a temática proposta no título, no resumo ou nos descritores, no intervalo dos anos entre 2015 e 2020, a fim de garantir a explanação de tecnologias mais atuais. E como pertencentes aos critérios de exclusão incluir-se: teses e dissertações, artigos em duplicidade, temas que não respondem ao recorte proposto e artigos que ultrapassem 5 anos da sua publicação.

O levantamento dos artigos foi realizado por meio de estratégias de investigação, baseados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), associados e combinados entre si pelos operadores booleanos “AND” E “OR” na opção busca avançada disponível das bases de dados. Os artigos selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, passaram por um processo de leitura dos seus títulos e resumos onde após a leitura integral dos artigos, ocorreu o registro dos mesmos na Ficha de Dados da Literatura adaptada da Ficha de Ursi a fim de atender a metodicidade da análise contemplando os seguintes aspectos, considerados pertinentes: nome da pesquisa; nome dos autores; intervenção estudada e resultados (OLIVEIRA DC, 2008; SOUZA MT, et al., 2010; URSI ES e GAVÃO CM, 2006).

RESULTADOS

Identificou-se, a princípio, um total de 188 estudos nas referidas bases de dados. O desenvolver dos processos de seleção das buscas na literatura contabilizou a exclusão de 178 artigos, por não responderem à questão norteadora proposta pelo projeto e aos critérios de inclusão de forma geral, resultando em uma amostra final de 10 artigos. Os detalhes da filtragem e elegibilidade dos artigos estão disponíveis no fluxograma da **Figura 1**.

Figura 1 - Fluxograma explicativo dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.



Fonte: Albuquerque CF, et al., 2022.

Os artigos incluídos nesta síntese (**Quadro 1**) foram desenvolvidos em cinco diferentes países: Tailândia (n= 1), Estados Unidos (n= 6), Peru (n= 1), Índia (n=1) e Filipinas (n= 1), todos pertencentes a língua inglesa e encontrados na base de dados MEDLINE/PubMed, organizada segundo itens de identificação e principais achados conforme abaixo.

Quadro 1 - Produções obtidas na revisão segundo itens de identificação.

CÓD	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES/ANO	PAÍS	PERIÓDICO	PRINCIPAIS ACHADOS
A1	A Sexual Health Promotion App for Transgender Women (Trans Women Connected): Development and Usability Study	Sun CJ, et al. (2020)	Estados Unidos	JMIR Mhealth Uhealth	Estudo descritivo do desenvolvimento e avaliação da usabilidade e aceitabilidade de um protótipo de aplicativo móvel projetado para mulheres trans com foco na prevenção do HIV. O aplicativo colaborou positivamente para o aumento da auto eficácia no direcionamento a serviços amigáveis para pessoas LGBTQ; intenção de buscar suporte social online e conhecimento sobre a PrEP.
A2	Empowering communities and strengthening systems to improve transgender health: outcomes from the Pehchan programme in India	Shaikh S, et al. (2016)	Índia.	Journal of the International AIDS Society	Trata-se de uma pesquisa transversal pré e pós-intervenção com análise retrospectiva dos dados, quantificando-se o impacto das intervenções de linha de base, serviços sociais e jurídicos de saúde, além de avaliar a autoeficácia da linha final e a ação coletiva em relação às redes de apoio social. O envolvimento da comunidade com o programa melhorou significativamente tanto a demanda quanto o acesso a serviços sociais, de saúde e de HIV adaptados para indivíduos transgêneros.
A3	Princess PrEP program: the first key population-led model to deliver pre-exposure prophylaxis to key populations by key populations in Thailand	Phanuphak N, et al. (2018)	Tailândia	Journal compilation CSIRO	Trata-se de um estudo descritivo do desenvolvimento e execução do Programa Princesa PrEP. A PrEP foi integrada aos serviços de HIV, prestados por trabalhadores de saúde comunitários treinados em oito centros de saúde comunitários em quatro províncias estratégicas da Tailândia. Os trabalhadores de saúde da comunidade se capacitaram para fornecer serviços de prevenção ao HIV com qualidade garantida através de visitas agendadas mensalmente. A intervenção resultou em um declínio significativo da frequência de relações sexuais sem preservativo por parte da população atendida, além da adesão a pelo menos quatro comprimidos de PrEP por semana auto referidos pelos entrevistados, promovendo captação, retenção e adesão aos serviços de PrEP e mudanças nos comportamentos de risco ao longo do tempo.
A4	Transhealth Information Project: A Peer-Led HIV Prevention Intervention to Promote HIV Protection for Individuals of Transgender Experience	Martinez O, et al. (2019)	Estados Unidos	National Association of Social Workers, Health & Social Work	Estudo descritivo do desenvolvimento do Trans-Health Information Project (TIP), uma intervenção híbrida de seis sessões, dirigida por pares, baseada em grupos e indivíduos, enfatizando três prioridades principais: liderança, intervenções sociais e estruturais e redução do risco de HIV, incorporando outras práticas baseadas em evidências para prevenção e cuidados com o HIV focando no engajamento, na resolução de problemas de comportamento e identificação de gatilhos relacionados ao risco sexual e ao uso de substâncias. As colaborações com a comunidade se baseiam na confiança e no ativismo, aumentando o vínculo dos usuários da intervenção a serviços de prevenção e atendimento ao HIV, podendo ser replicada em várias comunidades para fornecer suporte, aumentar a utilização dos serviços de prevenção do HIV, atenção primária e facilitar a mudança de comportamento.

CÓD	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES/ANO	PAÍS	PERIÓDICO	PRINCIPAIS ACHADOS
A5	'Proyecto Orgullo', an HIV prevention, empowerment and Community mobilisation intervention for gay men and transgender women in Callao/Lima, Peru	Maiorana A, et al. (2016)	Peru	Glob Public Health	Trata-se de um estudo baseado na combinação de métodos qualitativos, observacionais e quantitativos para avaliar a intervenção comunitária Proyecto Orgullo (PO), focado na população de baixa renda e de alto risco para HIV, engajando-os e motivando-os a participar. PO inclui seis elementos centrais inter-relacionados: Sessões de autorreflexão em pequenos grupos; Apoio aos pares na prevenção do HIV; Atividades de mobilização abordando questões de HIV e empoderamento da comunidade; Um Grupo Central (equipe + voluntários trans e gays) projetando / implementando essas atividades; 5) Um Espaço de Projeto e 6) Publicidade.
A6	HIV prevention and HIV care among transgender and gender diverse youth: design and implementation of a multisite mixed-methods study protocol in the U.S.	Jadwin-Cakmak L, et al. (2019)	Estados Unidos	BMC Public Health	É um protocolo de pesquisa para um estudo de métodos mistos com foco a identificar os facilitadores de vários níveis e as barreiras que influenciam a participação de jovens transgêneros nos vários estágios da prevenção do HIV e cuidados contínuos. Este estudo demonstrou a viabilidade de treinar e supervisionar a coleta de dados sobre tópicos de saúde sensíveis a transgêneros. Alguns fatores contribuíram para que o recrutamento de jovens transgêneros fosse bem-sucedido durante um período de vários meses, tais como a inscrição e implementação simultâneas, o envolvimento da comunidade transgênero desde os estágios iniciais, equipe de estudo identificada pela comunidade, incluindo especialistas em comunidade transgênero.
A7	Iowa TelePrEP: A Public-Health-Partnered Telehealth Model for Human Immunodeficiency Virus Preexposure Prophylaxis Delivery in a Rural State	Hoth AB, et al. (2019)	Estados Unidos	American Sexually Transmitted Diseases Association	Estudo descritivo do desenvolvimento e explanação dos resultados iniciais do projeto TelePrEP. O projeto se tratou do encaminhamento de clientes para farmacêuticos na Universidade de Iowa através de visitas de telessaúde, os responsáveis por este direcionamento eram especialistas neste tipo de intervenção e parceiros de programas de teste de HIV da localidade; as ações ocorreram durante três meses em ambientes comunitários, vinculando os assistidos a clínicas de saúde sexual que ofereciam testes e tratamento de IST gratuito, programas de aconselhamento e encaminhamento para portadores do vírus HIV, provendo: uma variedade de serviços de saúde e locais de alcance comunitário; programas focados para indivíduos e seus parceiros sexuais com diagnóstico de HIV, sífilis e gonorreia; encaminhamento por telefone, educação sobre a PrEP e auxílio nos pedidos de programas de assistência a medicamentos e seguro saúde, alcançando altas taxas de vinculação ao tratamento para ISTs.

CÓD	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES/ANO	PAÍS	PERIÓDICO	PRINCIPAIS ACHADOS
A8	Health M power ment. org: Building Community Though Mobile-Optimized, Online Health Promotion Intervention	Hightow- Weidman LB, et al.(2015)	Estados Unidos	Health Educ Behav	Trata-se de um estudo descritivo do desenvolvimento de uma intervenção online otimizada para telefones celulares para jovens negros gays e mulheres trans para construir uma comunidade e facilitar relacionamentos de apoio.O ensaio piloto demonstrou viabilidade e aceitabilidade pela comunidade. Seu design voltado para a construção e normas positivas em torno da prevenção do HIV e captação de cuidados, resultou, por meio de entrevistas com os grupos, recomendações para aumentar os recursos interativos, como fóruns de discussão; um espaço para fazer upload, compartilhar vídeos pessoais, áudio, fotos ou prosa e a disponibilidade de uma opção online. O apoio e o envolvimento dos pares também foram reconhecidos como componentes importantes das intervenções de prevenção do HIV para homens gays e transgêneros. As áreas mais populares do site eram aquelas que permitiam a interação com outros participantes ou com o médico de HIV / infecções sexualmente transmissíveis (IST).
A9	Love Yourself: a safe environment for testing and treatment	Cousins S (2018)	Filipinas	The Lancet	Estudo descritivo do desenvolvimento e implementação de um aplicativo de smartphone voltado para o envio de usuários a locais com dispensadores de preservativos em uma tentativa de quebrar o estigma e aumentar a aceitação. Ao acessarem o aplicativo ele mostra para o usuário a estação mais próxima para se obter preservativos gratuitamente. Os dispensadores estão localizados em vários locais amigáveis, como: espaços para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), cafés, universidades e casas de banho. Os espaços não são discriminatórios e o aplicativo garante que os dispensadores tenham preservativos suficientes o tempo todo. Um lugar único para a promoção da saúde sexual. Pretende-se ampliar o aplicativo com funções como: um diário de sexo, que pode ser usado para lembrar as pessoas de fazerem o teste de HIV, com o objetivo de prevenir a infecção pelo vírus, oferecer testes gratuitos e tratamento imediato.
A10	Healing our women for transgender women: adaptation, acceptability, and pilot testing	Collier KL, et al. (2015)	Estados Unidos	AIDS Education and Prevention	Trata-se de estudo descritivo do processo de adaptação, desenvolvimento e teste da intervenção "HOW" para mulheres transexuais negras na cidade de Nova York. Foi avaliado a aceitabilidade e fidelidade da intervenção adaptada e além dos conhecimentos de pessoas trans sobre HIV, sintomas depressivos, enfrentamento, auto eficácia do uso do preservativo e uso de preservativo por meio de pesquisas pré e pós-intervenção.

Fonte: Albuquerque CF, et al., 2022.

Após a categorização e análise detalhada do conteúdo dos 10 artigos selecionados, foram identificados quatro temas geradores que abarcam o assunto em questão, sendo estes, a: Ampliação do acesso à saúde, apropriação de redes sociais e aplicativos como instrumentos e vinculadores as tecnologias educativas, protagonismo da comunidade como expoente de práticas de saúde e o desenvolvimento e fortalecimento de redes de apoio e comunicação entre mulheres trans e travestis.

DISCUSSÃO

Ampliação do acesso à saúde

Ao investigar como as mulheres trans e travestis se relacionam com os serviços de saúde, observa-se que muitas possuem significativas dificuldades de adesão e acolhimento devido, principalmente, a obstáculos de ordem subjetiva decorrentes dos efeitos do estigma institucionalizado, estrutura ou encaminhamento a centros especializados insatisfatórios; atrelado ao perceptível pouco preparo da equipe multiprofissional às necessidades ou desordens biopsicossociais dessa comunidade (MONTEIRO S, et al., 2019; ROCON PC, et al., 2020; MAGNO L, et al., 2019).

Para Phanuphak N, et al. (2018) e Jadwin-Cakmak L, et al. (2019) programas de capacitação profissional voltados para o acolhimento, envolvimento e desenvolvimento do manejo de pacientes pertencentes à comunidade trans e travesti pode caracterizar o fator fundamental para melhor aderência desse perfil de paciente e modificação do quadro atual, não somente relacionando conteúdos de ordem clínica, mas principalmente associados à percepção, sensibilização e visibilidade da identidade trans e travesti quanto ao seu existir em sociedade.

Nesse contexto, Shaikh S, et al. (2016), Hoth AB, et al. (2019) e Martinez O, et al. (2019) revelam que a construção de projetos de apoio com serviços e didática para e com a comunidade podem facilitar, mobilizar e atrair com muito mais efetividade o acesso a práticas em saúde profiláticas, como direcionamento, explanação e uso da PrEP, amparo e manutenção de cuidados de pacientes positivos para HIV e outras ISTs, desenvolvendo suporte psicológico e social.

A exemplo disso, Hoth AB, et al. (2019) em seu estudo descrevendo os resultados iniciais do “TelePrEP”, um programa regional de telessaúde com foco na identificação, assistência e acompanhamento a homossexuais com necessidade de PrEP pertencentes a áreas remotas, histórico de baixa adesão às terapêuticas de autocuidado a ISTs e comportamentos de risco; demonstra com ações ocorridas durante três meses em ambientes comunitários, a melhora na vinculação a clínicas de saúde sexual, aumento na busca por testes, tratamento e vinculação ao tratamento para ISTs através de estratégias combinadas.

O rastreamento auxiliou na identificação de ISTs, além de avaliação, encaminhamento ao tratamento presencial e avaliação clínica completa a clientes com condições potencialmente complexas. O modelo integrou recursos amplamente disponíveis, incluindo plataformas de telessaúde comercialmente disponíveis, programas existentes de saúde pública DST / HIV, laboratórios locais e centros farmacêuticos (HOTH AB, et al., 2019).

Outras intervenções identificadas na revisão, foram as propostas por Collier KL, et al. (2015), Cousins S (2018), e Sun CJ, et al. (2020) observando alternativas de mobilização para a comunidade TT baseada no acesso a informações *online* e *off-line*, vinculados a eletrônicos como computadores e smartphones. Para Hightow-Weidman LB, et al. (2015) o respeito dos dados, privacidade, confidencialidade e ampliação do acesso à locais presenciais que utilizem de programações específicas para transgêneros, maximizam a prática de comunicação entre a própria comunidade e fortalecem o acesso e alcance aos serviços de saúde.

Apropriação de redes sociais e aplicativos como instrumentos e vinculadores as tecnologias educativas

Evidências sugerem que indivíduos de minorias sexuais como lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis são mais propensos a usar tecnologias de mídia social do que indivíduos heterossexuais (KRUEGER EA e YOUNG SD, 2015). Nesse contexto embora os dados sobre o uso da Internet e de aplicativos móveis entre

pessoas trans e travestis sejam limitados, os estudos existentes mostram que mulheres trans usam seus telefones de maneira consistente para coletar informações, socializar e fazer conexões sexuais (MUESSIG KE, et al., 2015; RHODES SD, et al., 2016).

Tal realidade favorece a utilização de “eHealth” e “mHealth”, definidas como a utilização de informações e de tecnologias de comunicação para oferta, melhoria de serviços e práticas de saúde realizadas por meio de aparelhos móveis (smartphones, assistentes digitais e dispositivos de monitoramento) e estratégias de mídia social “Web 2.0” favorecendo o alcance e envolvimento de populações-chave na prevenção do HIV em todo o processo de teste, tratamento e cuidados, sendo particularmente apropriadas para mulheres transexuais, devido ao alcance aos que vivem em áreas que não oferecem programação específica para transgêneros ou aos que se sentem desconfortáveis em participar de encontros presenciais e intervenções face a face devido a questões de confidencialidade e medo de estigmatização (ROCHA TAH, et al., 2016; MUESSIG KE, et al., 2015; BENOTSCH EG, et al., 2016).

Neste contexto intervenções baseadas em mídias sociais como as desenvolvidas por Martinez O, et al. (2019) descritas e discutidas em seu estudo “*Trans Health Information Project*” proporcionam um significativo suporte para educação em saúde, pois estabelecem autonomia, alcance e engajamento para população de alto risco somado a serviços abrangentes de prevenção e tratamento de HIV e outras ISTs, favorecendo oportunidades para envolver mulheres transgênero em questões de promoção da saúde sexual e autocuidado.

Os aplicativos para telefones celulares também têm a capacidade de fornecer conteúdo adaptado individualmente com base nas motivações e padrões de uso do aplicativo tornando-os particularmente apropriados para abordar as experiências, identidades e necessidades heterogêneas das mulheres transexuais ao longo da vida (BAKKER D, et al., 2016). De acordo com Hightow-Weidman LB, et al. (2015), a utilização de uma ferramenta online e disponível em aplicativo para smartphones é altamente escalável como forma de intervenção comportamental, contribuindo para a veiculação de uma variedade de tópicos de saúde e estilo de vida para dar suporte às diversas origens e necessidades dos usuários ao longo do tempo, reduzindo práticas sexuais de risco e o estigma relacionado ao HIV sobre os próprios usuários.

Em seu estudo, Hightower-Weidman LB, et al. (2015) demonstrou viabilidade e aceitabilidade pela comunidade do projeto piloto “*HealthMpowerment.org (HMP)*”. Seu *design* voltado para a construção e normas positivas em torno da prevenção do HIV e captação de cuidados, resultou por meio de entrevistas com os grupos, em um espaço de apoio e envolvimento dos pares, sendo estes reconhecidos como componentes importantes das intervenções de prevenção do HIV para homens gays e transgêneros, visto que as áreas mais populares do site eram aquelas que permitiam a interação com outros participantes ou com o médico de HIV / Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Por meio desses espaços, intervenções desse estilo buscam reforçar e facilitar a manutenção de comportamentos saudáveis através do fornecimento e recebimento de suporte emocional, aumentando a compreensão e os sentimentos de pertencimento, atraindo aqueles que procuram mensagens e informações personalizadas, bem como aos que foram relutantes ou nunca tiveram a oportunidade de se comunicar com colegas ou prestadores de serviços de saúde (HIGHTOWER-WEIDMAN LB, et al., 2015)

Para Cousins S (2018) e Sun CJ, et al. (2020) que utilizam de tecnologias que possibilitam a mulheres transexuais maior contato a métodos de prevenção e acolhimento social, demonstram que a apropriação de aplicativos, contendo mapas e direcionamentos a focos de interesse, tais como serviços recreação, educação sexual, saúde e aquisição de preservativos em estabelecimentos parceiros ou amigáveis, corroboram para contornar possíveis experiências desagradáveis e aumentam a garantia ao acolhimento adequado e resposta às suas necessidades específicas.

A aceitabilidade para aplicativos móveis, intenção de utilização do serviço, discrição, privacidade e ampliação das capacidades de suporte social são fatores que permeiam a maior eficácia de tecnologias desse calibre, pesquisas formativas com mulheres transgênero e painéis consultivos de especialistas da própria comunidade fortalecem a assertividade das intervenções e garantem um atendimento customizado para as heterogêneas populações trans e travestis, apresentando resultados favoráveis a intervenções de saúde móveis (ROCHA TAH, et al., 2016).

Protagonismo da comunidade como expoente de práticas de saúde

Shaikh S, et al. (2016) afirma que uma estrutura de base e apoio é um dos fatores de maior influência na conquista do protagonismo da comunidade trans, no que diz respeito ao acesso aos serviços de saúde, desenvolvimento e assiduidade em práticas de saúde. O incentivo e a infraestrutura adequada fazem com que a comunidade trans seja mais ativa, tanto em práticas de saúde, buscas por direitos trabalhistas e busca por reconhecimento pessoal quanto para a iniciativa e união da própria comunidade, fazendo prevalecer a mudança do cenário para grande parte dos participantes, mesmo após o encerramento das intervenções.

Phanuphak N, et al. (2018) observa ainda a necessidade de uma capacitação diferenciada aos trabalhadores da saúde para que o resultado da abordagem com a comunidade trans e de HSH seja mais objetiva, pontuando que muitas vezes as medidas sugeridas pela OMS não se enquadram com o perfil sociodemográfico da região em questão, sendo necessária a adaptação ou até mesmo reformulação para melhor captação de clientes, através de estudos levantados pelos próprios profissionais de saúde, promovendo melhor atendimento à população em questão, protagonismo e empatia com os mesmos.

Os resultados de iniciativas desse calibre foram: o declínio significativo da frequência de relações sexuais sem preservativo por parte da população atendida, além da adesão ao uso da PrEP e mudanças nos comportamentos de risco ao longo do tempo, sendo, portanto, considerado um sucesso pela equipe responsável. Apontando para a relevância de assistências inovadoras especialmente para a população mulheres trans e aqueles que são jovens ou com níveis de educação mais baixos (PHANUPHAK N, et al., 2018).

Martinez O, et al. (2019), na mesma linha, pontua em favor da participação direta da comunidade na construção das intervenções relacionadas às práticas em saúde, principalmente na propagação de informações para práticas sexuais seguras e de controle da epidemia de HIV que atinge a população trans e travesti, sendo de grande importância para o funcionamento de uma abordagem mais adequada para cuidados de saúde, empoderamento sexual e apoio ao trauma físico ou psicológico, adequando-os a diversos fatores como idade, perfil socioeconômico e comportamentos de risco pessoais.

Colaborações com a comunidade se baseiam na confiança e no ativismo, aumentando o vínculo dos usuários da intervenção a serviços de prevenção e atendimento ao HIV, podendo ser replicada em várias comunidades para fornecer suporte, aumentar a utilização dos serviços de prevenção do HIV e atenção primária (MARTINEZ O, et al., 2019).

A exemplo disso, Maiorana A, et al., (2016) demonstra que antes da implementação do “Proyecto Orgullo”, a aderência da comunidade trans aos serviços de saúde relacionados à descoberta e tratamento do HIV e outras ISTs era muito baixa, o principal motivo da baixa frequência dessa população eram justamente as estratégias de mobilização utilizadas, contando apenas com promotores e provedores de saúde que não eram membros da comunidade trans e que negligenciaram aconselhamento sobre Prevenção Positiva.

O projeto trouxe consigo uma nova abordagem, utilizando interpelações diferentes, mas paralelas para homossexuais, homens biológicos e trans, devido à diferente demanda que cada uma dessas comunidades necessita. As mudanças proporcionaram à comunidade no geral maior atração e representação, muito importante para a autorreflexão e empoderamento individual dos clientes, além da melhor integração e uso aos serviços de saúde oferecidos (MAIORANA A, et al., 2016).

Desenvolvimento e fortalecimento de redes de apoio e comunicação entre mulheres trans e travestis

Indivíduos com experiência transgênero enfrentam um risco elevado de infecção por HIV, a alta incidência e prevalência neste grupo está fortemente relacionada às experiências de discriminação, desemprego, encarceramento, estigmas, taxas elevadas de risco sexual e uso de substâncias, nesse contexto, Collier KL, et al. (2015) e Maiorana A, et al. (2016) consideram Intervenções em nível de grupo, especialmente as baseadas em teoria e direcionadas a populações específicas, importantes ferramentas na prevenção de apoio, em razão da redução de risco sexual, promoção de comportamentos de busca de saúde e empoderamento pessoal e comunitário, estimulando importantes processos para mudanças e inerentes às estratégias de mobilização da comunidade.

Para Cousins S (2018) e Shaikh S, et al. (2016) a criação de tecnologias que possibilitem maior contato como métodos de prevenção e acolhimento social, podem ajudar as populações transgêneras a enfrentarem desigualdades no acesso ao HIV, saúde e serviços sociais. Além disso, modelos para fornecer serviços adequados e apoio social para populações trans, fortalecimento de sistemas comunitários e fornecimento de meios de prevenção ao HIV, saúde, serviços jurídicos e sociais para comunidades trans, contribui significativamente para o envolvimento da comunidade e as abordagens de coletivização que fortalecem a eficácia individual e a identidade das comunidades transgênero.

A relevância das redes de apoio comunitário se dá também devido à perceptível solidão e depressão observadas na comunidade travesti e trans, analisada durante a intervenção do autor Hightower-Weidman LB, et al. (2015) e descrita também por Collier KL, et al. (2015) durante a intervenção “HOW”, tal realidade foi notada principalmente em pacientes HIV positivos atrelados a ausência de vínculos familiares. No entanto, em comparação entre os participantes após com a pré-intervenção foram observados níveis significativamente mais baixos de sintomas depressivos e níveis mais altos de enfrentamento positivo. Constatando que de modo geral, as redes de apoio, sejam online ou presenciais, exercitam a sororidade entre membros da mesma comunidade, além de disponibilizar suporte e integralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apropriação de redes sociais e aplicativos como instrumentos veiculadores de tecnologias educativas, valorizando o protagonismo da comunidade além do desenvolvimento e fortalecimento de redes de apoio e comunicação entre mulheres trans e travestis, favorecem em diversos aspectos o empoderamento desta população em processos de autocuidado e a aproximação das mesmas com o restante da comunidade LGBTQIA+, colaborando para o desenvolvimento e investimento em redes apoio social e assistência à saúde mental associados ao tratamento do HIV/aids e outras infecções, aspecto esse, ainda pouco explorado na assistência em saúde de forma geral. Intervenções de maior alcance, como a nível municipal ou regional são escassas, as únicas são especificamente locais ou vinculadas a pequenos estudos ou iniciativas de pontuais, fazendo-se necessária a vinculação dessas estratégias a políticas públicas e de saúde coletiva, observando com maior sensibilidade os processos de saúde-doença relacionado a minorias, de modo a englobar acolhimento, suporte e atenção adequada às necessidades de foco estratégico além de assistência humanizada e integral, garantindo direitos e respeitando identidades e vivências.

REFERÊNCIAS

1. BAKKER D, et al. Mental Health Smartphone Apps: Review and Evidence-Based Recommendations for Future Developments. *JMIR Mental Health*, 2016; 3(1): 49-84.
2. BENOTSCH EG, et al. Use of the Internet to Meet Sexual Partners, Sexual Risk Behavior, and Mental Health in Transgender Adults. *Archives of Sexual Behavior*, 2016; 45(3): 597-605.
3. BEZERRA MVD, et al. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. *Saúde em Debate*, 2020; 43: 305-323.
4. COLLIER KL, et al. Healing Our Women for Transgender Women: Adaptation, Acceptability, and Pilot Testing. *AIDS Education and Prevention*, 2015; 27(5): 418-431.
5. COUSINS S. LoveYourself: a safe environment for testing and treatment. *The Lancet HIV*, 2018; 5(8):415.
6. FARIA IMD. A pessoa trans e o seu acesso aos serviços públicos de saúde no Brasil: o que têm a dizer os recentes estudos sobre o tema, 2019; 37-47.
7. FERENHOF HA, FERNANDES RF. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF demystifying the literature review as basis for scientific writing: SSF method. *Revista ACB*, 2016; 21(3): 550-563.
8. GRADE C, et al. Patologização da transexualidade a partir de uma revisão integrativa. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, 2019; 20(2): 435-451.
9. HIGHTOW-WEIDMAN LB, et al. HealthMpowerment.org: Building Community Through a Mobile-Optimized, Online Health Promotion Intervention. *Health Education & Behavior: The Official Publication of the Society for Public Health Education*, 2015; 42(4): 493-499.
10. HOTH AB, et al. Iowa TelePrEP: A Public-Health-Partnered Telehealth Model for Human Immunodeficiency Virus Preexposure Prophylaxis Delivery in a Rural State. *Sex Transm Dis*, 2019; 507-512.
11. JADWIN-CAKMAK L, et al. HIV prevention and HIV care among transgender and gender diverse youth: design and implementation of a multisite mixed-methods study protocol in the U.S. *BMC public health*, 2019; 19(1): 15-31.

12. KAFFER KK, et al. A transexualidade e o mercado formal de trabalho: principais dificuldades para a inserção profissional. *Repositório de Projetos de Pesquisa de Acesso Livre*, 2016.
13. KRUEGER EA, YOUNG SD. Twitter: A Novel Tool for Studying the Health and Social Needs of Transgender Communities. *JMIR Mental Health*, 2015; 2(2): 4113.
14. MAGNO L, et al. Estigma e discriminação relacionados à identidade de gênero e à vulnerabilidade ao HIV/aids entre mulheres transgênero: revisão sistemática. *Cad. Saúde Pública (Online)*, 2019; 35(4): 11-18.
15. MAIORANA A, et al. "Proyecto Orgullo", an HIV prevention, empowerment and community mobilisation intervention for gay men and transgender women in Callao/Lima, Peru. *Global Public Health*, 2016; 11(7–8): 1076–1092.
16. MARTINEZ O, et al. Transhealth Information Project: A Peer-Led HIV Prevention Intervention to Promote HIV Protection for Individuals of Transgender Experience. *Health & Social Work*, 2019; 44(2): 104–112.
17. MONTEIRO S, et al. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cadernos de Saúde Pública*, 2019; 35(4).
18. MUESSIG KE, et al. A systematic review of recent smartphone, Internet and Web 2.0 interventions to address the HIV continuum of care. *Current HIV/AIDS reports*, 2015; 12(1): 173–190.
19. OLIVEIRA DCDE. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. enferm. UERJ*, 2008; 569–576.
20. PHANUPHAK N, et al. Princess PrEP program: the first key population-led model to deliver pre-exposure prophylaxis to key populations by key populations in Thailand. *Sexual Health*, 2018; 15(6): 542–555.
21. RHODES SD, et al. Using Social Media to Increase HIV Testing Among Gay and Bisexual Men, Other Men Who Have Sex With Men, and Transgender Persons: Outcomes From a Randomized Community Trial. *Clinical infectious diseases*, 2016; 62(11): 1450–1453.
22. ROCHA TAH, et al. Saúde Móvel: novas perspectivas para a oferta de serviços em saúde. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2016, 25: 159–170.
23. ROCON PC, et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2016; 21: 2517–2526.
24. ROCON PC, et al. Acesso à saúde pela população trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trabalho, Educação e Saúde*, 2020; 18(1).
25. ROGES AL, et al. Necessidades no setor da saúde relacionadas à população LGBT lésbicas, gays, bissexuais, travestis. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 2015; 9(5) 28.
26. SAMPAIO RF, MANCINI MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 2007;11: 83–89.
27. SHAIKH S, et al. Empowering communities and strengthening systems to improve transgender health: outcomes from the Pehchan programme in India. *Journal of the International AIDS Society*, 2016; 19(3): 2.
28. SOUZA MT, et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 2010; 8: 102–106.
29. SUN CJ, et al. A Sexual Health Promotion App for Transgender Women (Trans Women Connected): Development and Usability Study. *JMIR Health and Health*, 2020; 8(5): 15888
30. URSI ES, GAVÃO CM. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2006; 14: 124–131.